



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DIARLY IGOR PANTA MARQUES

**O QUE É SER HOMEM? UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL
DAS MASCULINIDADES**

Juazeiro do Norte
2021

DIARLY IGOR PANTA MARQUES

**O QUE É SER HOMEM? UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL
DAS MASCULINIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso –
Artigo Científico, apresentado à Coordenação
do Curso de Graduação em Psicologia do
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em
cumprimento às exigências para a obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcus César
de Borba Belmino

Juazeiro do Norte
2021

DIARLY IGOR PANTA MARQUES

**O QUE É SER HOMEM? UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL
DAS MASCULINIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso –
Artigo Científico, apresentado à Coordenação
do Curso de Graduação em Psicologia do
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em
cumprimento às exigências para a obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcus César
de Borba Belmino

Aprovado em: 02/07/20021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcus César de Borba Belmino

Orientador

Prof. Me. Larissa Maria Linard Ramalho

Avaliadora

Esp. José Ricardo de Sousa Santana

Avaliador

O QUE É SER HOMEM? UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS MASCULINIDADES

Diarly Igor Panta Marques¹
Marcus Cezar de Borba Belmino²

RESUMO

As masculinidades são características construídas socialmente e culturalmente e que são atribuídas aos homens, muitas vezes apresentadas de formas agressivas, gerando sofrimentos a eles próprios e àqueles que estão a sua volta. Esse trabalho é resultado de uma pesquisa de campo de caráter fenomenológico que teve como propósito compreender como eles enxergam as masculinidades, a partir da descrição de suas experiências, identificando formas de sofrimentos encontradas na maneira de ser homem e discutindo sobre a masculinidade hegemônica. Foram realizadas entrevistas individuais através de uma plataforma digital. A pergunta norteadora: “O que é ser homem para você?” deu abertura para as novas questões que iam surgindo no decorrer do diálogo, seguindo o caráter fenomenológico. Para análise dos dados utilizou-se o método desenvolvido por Amedeo Giorgi. As três pessoas entrevistadas, se identificavam com o sexo masculino, relataram sobre as suas vivências e em suas falas encontraram-se sofrimentos decorrentes de uma construção que prioriza um padrão masculino de dominação, que surge na essência das nossas identidades e papéis sociais.

Palavras-chave: Masculinidade. Sofrimento. Ansiedade. Sexualidade. Gênero.

ABSTRACT

The masculinities are features formed socially and culturally and they are also imposed to the men, often presented in an aggressive way. This causes a strong suffering to themselves and that one who are around them. This work is a field research's result of phenomenological character which the main purpose is understand how men see the masculinities. Starting with their descriptions of experiences, identifying some ways of suffering that are found in the way of being a man and discussing about hegemonic masculinity. Individual interviews were made through an online platform, the main question: “What is the meaning of being a man, for you?” enabled some new different questions, that questions were arising along the dialogue, according to the phenomenological character, as quoted before. The survey data was possible of being analyzed due to the method developed by Amedeo Giorgi. The three interviewees identify themselves as a man and they also reported about their experiences, where was found sufferings resulting from a wrong thought that prioritizes a homogeneous male standards, that arise in the essence of our social identities and roles.

Keywords: Masculinity. Suffering. Anxiety. Sexuality. Gender.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: diarlyigorpsi@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: marcuscezar@leaosampaio.edu.br

1. INTRODUÇÃO

As masculinidades são construções sociais e culturais que influenciam o funcionamento da sociedade e afetam a forma em que os homens enxergam a si mesmos e os seus papéis e a identidade das mulheres. Elas se manifestam de diferentes formas, de acordo com a cultura, com as relações familiares, religiosas, educacionais, econômicas e pela individualidade de cada um deles (TELLES, 2018).

De Paula e Da Rocha (2019) declararam que é preciso ouvir os homens falarem sobre suas percepções a cerca desse tema, com objetivo de levá-los a uma tomada de consciência quanto à problemática de que algumas características masculinas são prejudiciais ao bem-estar deles próprios e ao feminino. Para os autores, ao gênero masculino tem se atribuído padrões de comportamentos e papéis sociais que ressaltam um lugar de dominação e uma cobrança para terem que reafirmar sua masculinidade, que habitualmente é exigida de forma agressiva.

Há um amplo interesse teórico em se perceber as violências sociais a partir da visão feminina, enquanto vítimas, entretanto, tem se notado um crescimento de interesses nos estudos que busquem ouvir os homens e compreender como enxergam seus sofrimentos e como reagem a essa violência resultada dessas construções de dominação. Segundo o estudo realizado por Papo de Homem, Instituto PDH e Zooma Inc. (2019), seis em cada dez homens lidam com algum distúrbio emocional, sendo a ansiedade, a depressão, o vício em pornografia e a insônia os mais comuns, a maioria não é diagnosticado pela dificuldade que eles têm em procurarem ajuda. Ainda segundo o estudo 78% deles afirmaram que foram educados a não reproduzir comportamentos femininos, 60% afirmaram que foram ensinados a não expressar suas emoções e 37% deles nunca conversaram com ninguém sobre o que é ser homem.

Segundo Baére e Zanello (2020) entre os anos de 2011 e 2016 ocorreram 62.804 óbitos por suicídio no Brasil, desse total, 79% eram pessoas do sexo masculino. Cicogna, Hillesheim e Hallal (2019) acreditam que as reações sobre os conflitos relacionados à orientação sexual, histórico de abuso sexual, transtornos mentais, abuso de substâncias e uso excessivo da internet podem ser causas dessa violência. Para Nolasco (2001) é preciso incluir o aspecto masculino nas discussões sobre as violências sociais.

A ideia em realizar um estudo voltado ao tema da masculinidade e como eles enxergam a vivência da sua própria experiência do que é ser homem surgiu após leituras prévias, o conhecimento de documentários, iniciativas de grupos que trabalham com essa temática e a discussão sobre o assunto com outros homens. O pesquisador busca transformar

aquilo que ele percebe nas experiências cotidianas em conhecimento científico. Essa pesquisa poderá auxiliar no desenvolvimento de estratégias para trabalhar sobre as violências que as masculinidades agressivas causam.

O objetivo geral dessa pesquisa é entender como os homens compreendem a construção da masculinidade, a partir da descrição das experiências vividas por eles, identificando as formas de sofrimento que aparecem na maneira de ser homem e fazendo uma discussão sobre as violências proporcionadas pelas características da masculinidade hegemônica.

O caráter dessa pesquisa é fenomenológico, qualitativo e descritivo, a partir do método empírico de Amedeo Giorgi buscou-se a compreensão do conhecimento da experiência vivida pelos homens em sua forma de lidar com a temática proposta. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas guiadas por uma pergunta disparadora: “O que é ser homem para você?”.

Pesquisar sobre a masculinidade implica buscar respostas para problemas que afetam a relação dos homens consigo mesmo, com as mulheres e com a sociedade em geral, contribuindo para o aprofundamento de estudos sobre o assunto e conseqüentemente da Psicologia como ciência. É importante ampliar as percepções das vivências sobre o que é ser homem e como as diversas formas das masculinidades aparecem socialmente, de modo a criar estratégias de enfrentamentos das diversas violências que as masculinidades agressivas podem ocasionar.

2. CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MASCULINIDADE

Dialogar sobre o processo de construção da masculinidade implica falar sobre uma discussão a respeito de uma visão de gêneros como uma idealização social e política. Para compreender esse olhar sócio-político, não se deve deixar de citar a importância que Paul Preciado tem a essa discussão. A partir do seu manifesto da contrassexualidade, o autor faz crítica a heteronormatividade que se apresenta como um contrato social de gêneros e de sexos, retratando-o como um agenciamento político dos corpos (PRECIADO, 2014). Para Fedrizzi (2015), o conceito de gênero faz parte de uma construção socialmente desenvolvida através do tempo, e que varia de acordo com a cultura e a sociedade. A autora acredita que desde cedo as crianças são influenciadas a exercerem modelos de condutas que são atribuídas ao seu sexo biológico.

Júnior, Sales e Leite (2021) fazem crítica ao conceito de gênero e sexo baseado exclusivamente no aspecto biológico, para eles, é preciso desconsiderar o gênero em uma percepção enquanto “essência”, mas que é preciso percebê-lo como uma construção social, assim permitindo repensar os estereótipos dominantes e fazer abertura para novas formas de masculinidades que fujam do padrão hegemônico.

Pereira e Silva (2017) destacaram que os estudos sobre as masculinidades são recentes, mas que têm ganhado visibilidade e possibilitado uma nova forma de perceber o masculino. Para Telles (2018) há a importância de se pensar na construção da masculinidade baseada em cada uma das múltiplas culturas da contemporaneidade. Connell (1995) define a masculinidade como uma configuração de ações atribuídas aos homens dentro das estruturas das relações de gênero, havendo diversas configurações dentro de um mesmo contexto social. O autor traz à discussão diversas masculinidades, uma delas é a hegemônica. Ele as define como práticas que são produzidas, isso envolve posturas, habilidades físicas e até formas de movimentar-se. Acredita que é possível pensar a adoção de práticas de feminilidades por homens e práticas de masculinidades por mulheres.

Connell e Messerschmidt (2013) explicam que a masculinidade hegemônica é entendida como um padrão de práticas construídas em uma estrutura hierárquica, onde possibilita a dominação dos homens sobre as mulheres, essas características são agressivas a elas, a eles mesmos e a outros grupos sociais. O termo é usado em pesquisas sobre violências, preconceitos, saúde e organizações.

De acordo com Preciado (2014) há um dispositivo tecnológico social que trata a sexualidade dentro de uma corrente heteronormativa, que divide os gêneros a partir dos órgãos sexuais, atribuindo ao pênis um lugar de privilégio. Nascer com um pênis concede ao homem cis um lugar de que esteja apto a dominar. A representação de uma masculinidade hegemônica designa a eles um lugar de poder que é negado às mulheres, e que se apresentam socialmente através das desigualdades no mercado de trabalho, na renda econômica, na inserção da política, e que se mantém através de diversas formas de violências (CARDOSO E ZIMMERMANN, 2020).

Os autores ainda abordaram de forma complexa, a importância do diálogo a respeito dos temas que envolvem sexualidade e masculinidade, o combate à hegemonia de uma masculinidade agressiva que dá espaço apenas a valorização da virilidade, da força física, da liderança, da rejeição do que é feminino e do sentimentalismo. Em Telles (2018) é percebido que há uma ideia social de que o homem precisa estar sempre ativo para o sexo, e que esse

comportamento os deixam sobre os riscos às ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e a gravidez indesejada, pois, eles não assumem a responsabilidade de proteção.

Fagundes (2015) ressalta que há uma construção que leva os homens a negligenciarem o cuidado com a sua saúde. Eles têm maior dificuldade em lidar com ela quando comparado às mulheres, seja porque há uma necessidade de se promover mais políticas públicas para a saúde deles, ou pelo medo de descobrir a doença e sentir-se fraco ou incapaz, tendo em vista que se constituiu uma ideia de que eles precisam reafirmar sempre uma identidade de força e poder.

Para Connell (1995) os meninos são ensinados a distanciarem-se dos comportamentos das meninas, mulheres e feminilidade. São pressionados a adequar-se às normas masculinas, a reprimir seus sentimentos e isso podem os levar à violência, crise pessoal e a dificuldade nos relacionamentos com as mulheres. Aqueles que se identificam em modelos de masculinidades não hegemônicas sofrem com esses papéis sexuais rígidos.

Em seu estudo, Nolasco (2001) buscou compreender a relação dos homens com as violências no Brasil e o motivo do Estado não ter considerado o recorte masculino na elaboração de medidas para enfrentamento delas, tendo em vista que os homens estão mais envolvidos em situações de violências, sejam como praticantes ou vítimas delas. Para o autor, um agressor busca na vítima preencher um sentimento de valorização e potência “porque a imagem que tem de si como homem não comporta a intensidade deste sentimento” (NOLASCO, 2001).

Segundo Cardoso e Zimmermann (2020) o corpo surge como mais uma das formas em que se construiu a dominância do homem cisgênero hétero sobre as demais configurações sociais, sejam sobre as mulheres, ou as pessoas LGBTQIA+. O masculino é representado pela imagem do corpo atlético, musculoso, construído em academias, deixando de lado outras formas de representação do corpo masculino e do lugar de ser homem. Em seu estudo sobre transexualidade, Saleiro (2012) discute que a divisão binária dos gêneros, invisibiliza, desde a infância, o corpo trans. As normas culturais e as instituições sociais excluem essas pessoas dentro de casa, na rua, na escola, no mercado de trabalho e retirando os seus direitos. Baére e Zanello (2020) analisam que a violência contra bissexuais e homossexuais por não estarem dentro desse padrão de masculinidade construída causa sofrimento psíquico, sentimento de não pertencimento e isolamento.

Silva e Gastaldi (2018) analisando a construção da masculinidade numa perspectiva religiosa identificaram uma posição social que é ocupada pelo homem como superior à

mulher. O patriarcado sujeita o homem no lugar da hierarquia, como tendo domínio e poder sobre elas, e que para eles são dados os lugares de destaques sociais.

No estudo de Fedrizzi (2015) sobre as histórias infantis, o homem é visto como forte, ativo e bravo, protetor e salvador da “mocinha”, que é vista como frágil e passiva. A autora ainda mostra que desde antes do nascimento, pais, família, escola, sociedade e mídia, influenciam sobre como a criança deve agir, sentir e viver de acordo com a construção dos papéis de gênero. Hefez (2013 apud Telles, 2018) afirma que desde pequenos os meninos são tratados de forma mais agressiva que as meninas, enxergam um medo que o pai tem de que seu filho seja fraco, homossexual ou afeminado, para o autor a mídia, a moda, a família, a linguagem e a religião têm um importante papel na construção da masculinidade, desde o nascimento até tornar-se um homem adulto. Para Silva e Gastaldi (2018) a religião alicerçou uma identidade patriarcal de que o homem ocupa o centro e a mulher às margens, essa concepção que coloca o homem em um lugar de privilégio e superioridade perpetua-se na sociedade através das relações de poder.

Cardoso e Zimmermann (2020) observaram que há uma construção de heteronormatividade como único modelo e que comportamentos que fogem desse ideal são colocados como fora da norma, e marginalizados. Preciado (2014) faz referências a Foucault, ao trazer uma *contraprodutividade*, a partir da liberação sexual, que produz formas de prazer diferentes das que foram construídas pela sexualidade moderna, apresentada como uma tecnologia de resistência.

Garboggini (2008 apud Telles, 2018) afirma que nos últimos anos, no Brasil, tem surgido um conceito de homem “metrossexual”, um homem com sentimentos, que não é agressivo em ocupar lugares usualmente atribuídos ao feminino, ao cuidar da sua aparência, interessar-se por moda, realizar tarefas domésticas, cuidar dos cabelos, pele, aparência, e da sua saúde. Para o autor não se deve atribuir ao homem apenas um modelo do que é ser masculino, mas pensar na identidade masculina como fazendo parte das transformações sociais na contemporaneidade.

De acordo com Connel (1995) para que haja transformações nas relações pessoais e sobre a sexualidade, há a necessidade de que os homens possam compreender de forma mais profunda as questões que envolvam a eles próprios e as suas emoções. O autor acredita que é possível pensar na reconstrução do gênero como um projeto de caráter individual e também coletivo. As políticas feministas, os movimentos gays, e políticas de saídas e transformativas, fazem um trabalho importante como referenciais para se pensar em alternativas de masculinidades, que vão à oposição a uma visão da masculinidade agressiva ou hegemônica.

Segundo Silva e Gastaldi (2018) é lento e trabalhoso o processo de desconstrução da identidade masculina hegemônica, que tem influência da construção de masculinidade religiosa, e que é necessário repensar essas características e observar a importância dos movimentos que dão novas visões e possibilidades de vivenciar masculinidades. Acreditam em um homem que pode gerenciar seus afetos e escolher sua própria identidade em um mundo de identidades plurais. Fedrizzi (2015) faz uma importante discussão sobre o papel da escola na construção de identidades, através da educação devem-se ser ampliadas possibilidades para se pensar novas visões sobre o que é ser homem ou mulher na sociedade contemporânea.

3. METODOLOGIA

Essa pesquisa é caracterizada como fenomenológica, qualitativa e descritiva, pois foi utilizado o Método Fenomenológico na busca da compreensão da experiência vivida pelos participantes, através do que eles expressaram em suas entrevistas (GIL, 2010). De acordo com Melhem (2012) a investigação fenomenológica busca o conhecimento a partir da forma em que as pessoas lidam com o seu mundo, e não de acordo com interpretações ou pressuposições.

Os convites foram realizados através das redes sociais do entrevistador. Foram enviadas mensagens via *whatsapp* para cada um dos participantes. Nelas continham a explicação do tema, como seria realizado o trabalho e a solicitação de resposta positiva ou negativa quanto a sua participação na pesquisa. Os critérios de inclusão foram: se identificar com o gênero masculino, homens trans com orientação sexual heterossexual estão incluídos nesses critérios, for natural da Região do Cariri cearense, for maior de 18 anos, ter acesso para se conectar virtualmente para realizar a entrevista. Os critérios de exclusão foram: não se identificar com o gênero masculino, não for natural da Região do Cariri, for menor de 18 anos, não ter disponibilidade para se conectar virtualmente para realização da entrevista online, e incômodo causado por possíveis sofrimentos em relação ao tema.

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas individuais não estruturadas, onde cada entrevistado se expressou livremente após ser feita a pergunta norteadora: “O que é ser homem para você?”, que iniciou o diálogo, e aberturas para novas formulações no decorrer da conversa (GIL, 2010). De acordo com Melhem (2012) as novas questões que foram surgindo durante a investigação partiram dos princípios fenomenológicos de descrição, suspeição ou *epoché* e redução.

Os instrumentos utilizados foram: um celular como gravador, um notebook, papel e caneta para auxiliar a entrevista. Para transcrevê-la, foram utilizados: fones de ouvido, notebook, caneta e papel.

Cada entrevista foi realizada de forma online através da plataforma do *Google Meet*, com horários definidos por entrevistador e entrevistados, onde foram revisadas as informações do TCLE, que foram respondidos através da plataforma do *Google Forms*, que expôs ao participante o sigilo e a privacidade, os riscos e os benefícios, o acompanhamento e a assistência, a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, destinação dos dados, indenização e liberdade do participante, segundo a Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016. O acesso ao formulário contendo os termos de autorização foi dado através do link: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSduJeR5Fh_bxz7YO1fUbp5gaZD47_fMxCyCQkc2_AAmwohqYg/viewform?usp=sf_link>.

As entrevistas realizadas individualmente poderiam trazer riscos mínimos, gerar algum desconforto causado pelo tema da pesquisa, por exemplo, constrangimento, medo, vergonha, estresse ou cansaço, mas que poderiam ser reduzidos mediante a interrupção da entrevista. Nos casos em que os procedimentos utilizados no estudo gerassem algo mais grave, ou seja, detectadas alterações que necessitem de assistência imediata ou tardia, o pesquisador e o orientador da pesquisa estavam cientes da possibilidade de encaminhamento ao Serviço de Psicologia Aplicada, na clínica-escola do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio.

Os benefícios esperados com este estudo são no sentido de buscar respostas para problemas que afetam a relação do homem com a sociedade, ajudando o aprofundamento de estudos sobre a masculinidade e conseqüentemente da Psicologia como ciência, para os participantes possibilita que ampliem suas percepções das suas vivências sobre a sua masculinidade. A partir da leitura do trabalho realizado os participantes e demais leitores terão a oportunidade de aprofundar o conhecimento sobre a vivência dos homens sobre o tema em geral, e possibilitará a criação de estratégias de enfrentamento da masculinidade agressiva e suas violências.

Foram entrevistados três participantes, de acordo com os propósitos a serem alcançados no decorrer da pesquisa. Cada participante teve conhecimento que a pesquisa irá assegurar a confidencialidade dos dados obtidos e foram requeridas as permissões para que as entrevistas ou depoimentos fossem gravados. O tempo médio de duração foi de meia hora para cada entrevista.

Após serem esclarecidas as questões do Termo de Livre Esclarecimento, foram colhidas as informações dos participantes sobre suas experiências vividas com o tema a ser

investigado, através da pergunta norteadora inicial: “O que é ser homem para você?”. A entrevista foi gravada e transcrita pelo pesquisador onde foi realizada uma análise de dados sobre os discursos dos entrevistados.

3.1 ANÁLISE DE DADOS: MODELO FENOMENOLÓGICO DE GIORGI

A análise de dados foi feita através do modelo do Giorgi (1985 apud GIL, 2010) que segue as respectivas etapas: leitura geral do material, definição de unidades de significado, expressão das unidades na perspectiva escolhida pelo pesquisador e formulação de uma síntese das unidades.

Andrade e Holanda (2010) ao citar o modelo de pesquisa de Giorgi (1985) evidencia que a primeira parte do processo de análise dos dados é o sentido do todo. Onde é realizada a leitura de todo o material coletado sem reduzi-la em unidades de sentido.

Na segunda etapa, segundo os mesmos autores, são discriminadas as unidades com significado psicológico e com foco no fenômeno investigador. O texto é novamente lido, analisando-o e quebrando-o em partes significativas, que vão de encontro à perspectiva do pesquisador. A terceira etapa consiste em transformar o que foi dito e manifestado pelos entrevistados sobre seu cotidiano em uma linguagem psicológica envolta no fenômeno da investigação.

Na última etapa, Andrade e Holanda (2010) esclarecem que o pesquisador sintetiza as unidades significativas transformando-as em uma declaração consistente da estrutura do aprendizado, ou seja, a experiência do sujeito é transformada em uma estrutura de experiência com significado psicológico a partir da observação dos fenômenos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro entrevistado foi Carlos (nome fictício), 22 anos, é músico, heterossexual, atualmente namora, nunca realizou psicoterapia, considera-se um homem em processo de desconstrução, nas suas falas aparecem relatos sobre a pressão sobre algumas de suas formas de expressar a sua aparência e sobre sua escolha profissional. Foi educado na religião católica, durante seu discurso conceitos religiosos aparecem como sendo contribuintes para a construção do que é ser homem na sociedade contemporânea.

Daniel (nome fictício) de 19 anos foi o segundo entrevistado, heterossexual, está namorando, em seus relatos apareceram várias questões voltadas a relacionamentos amorosos

e também familiares, concluiu recentemente o ensino médio. Está servindo ao Tiro de Guerra da sua região, se considera uma pessoa mais conservadora em alguns posicionamentos, atribui isso a sua formação familiar e religiosa, frequentou durante a infância a religião evangélica. Fez psicoterapia durante sua infância após alguns conflitos que acontecerem na sua família.

A última entrevista foi realizada com Pedro (nome fictício), 19 anos, heterossexual, mora com a sua esposa, recentemente se tornou pai da sua primeira filha, conta durante o diálogo sobre a divisão de papéis que tem com sua esposa sobre o cuidado com a filha. Recepcionista, participou de um único atendimento com uma psicóloga. Foi criado na religião evangélica, apesar de não frequentar mais. Afirma que está em processo de desconstrução do machismo a qual foi ensinado durante a sua vida, e que foi através da sua busca por informação e conhecimento que começou a repensar seu lugar como homem na sociedade.

Os três participantes mostraram-se bem receptivos quanto à sua entrevista. No início todos estiveram um pouco apreensivos, mas no decorrer das perguntas foram demonstrando-se mais relaxados. Não apresentaram desconfortos em nenhum momento quanto aos questionamentos, contribuíram bem com as respostas e manifestaram interesse sobre a leitura do trabalho após ser realizada a finalização.

Após a leitura das entrevistas, discriminações das unidades de sentido e transformação em linguagem psicológica, serão apresentadas as unidades de sentidos psicológicos encontradas nas entrevistas a partir das falas dos participantes e da compreensão sobre o que foi dito, serão transformadas em uma estrutura de aprendizado (Figura 1).

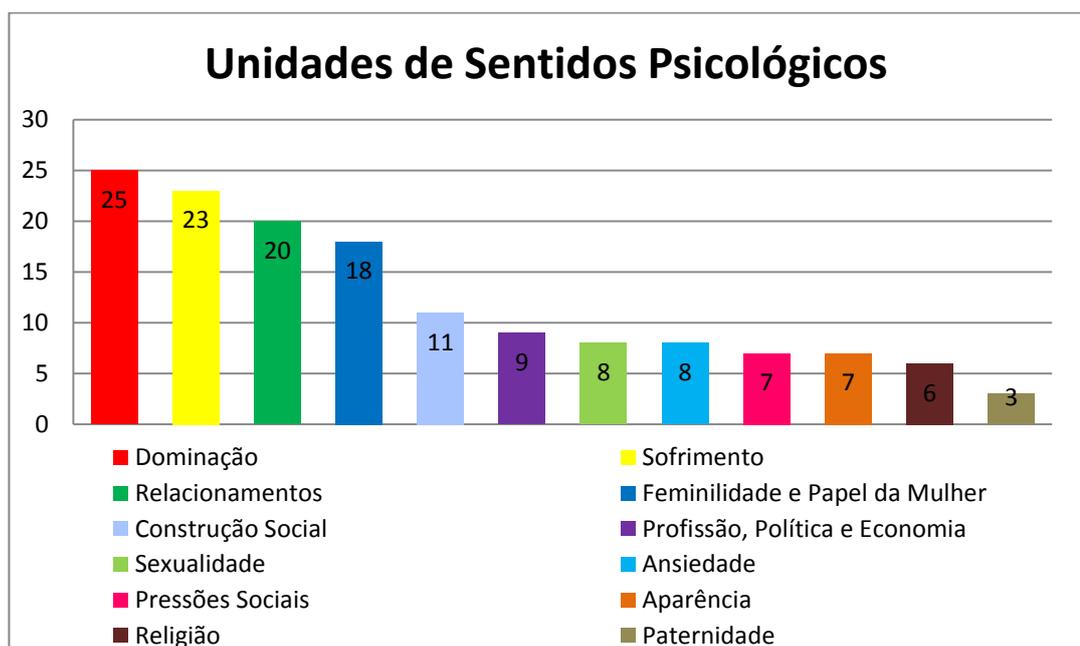


Figura 1. Unidades de Sentido Psicológico.

Dentro da categoria de Relacionamentos estão incluídas as falas referentes à família, amigos, namoro, casamento e escola. Em Dominação estão incluídas falas que remetem ao papel do homem e as violências causadas aos homens pela masculinidade agressiva ou hegemônica, como o preconceito e relações de poder.

O posicionamento do levantamento e das análises desse estudo focará nos temas que se relacionam diretamente com o cumprimento dos objetivos desta pesquisa. 1) Sofrimentos, 2) Ansiedade e 3) Masculinidades agressivas.

4.1 SOFRIMENTOS

Belmino (2020) descreve que na natureza da relação entre homem e mundo há um conceito de **função personalidade**, que compreende que o sofrimento surge na essência das nossas identidades e papéis sociais, ou seja, o que nos faz sofrer está relacionado ao fato de não atingirmos as exigências impostas pelos padrões constituídos através das formações sociais e se manifestam na nossa história e nas repetições em nossas vidas. Essas construções que a sociedade impõe podem aparecer em formas e ações violentas. É preciso adotar uma postura de desconstrução dessas violências.

Carlos afirma que sua identidade masculina relaciona-se a um sofrimento fruto de pressões estabelecidas pela sociedade, se atenta para o fato de que o homem atual está em processo de desconstrução desses padrões:

Ser homem hoje em dia na sociedade moderna é mais... mas pra mim... é você ter que lidar com várias pressões rotineiras sobre... sobre... a sua cabeça, e são pressões estabelecidas pelas gerações passadas, porém o homem atual ele tenta de todo modo se desconstruir, mas mesmo assim nesse processo ele acaba sofrendo essas pressões. Então ser homem hoje pra mim é ter que lidar com várias pressões ancestrais (Carlos, entrevistado 1, 2021).

Daniel relatou que na sua adolescência viveu um conflito em sua família, ao tentar demonstrar à sua namorada na época como se sentia mal por aquela situação deduziu que ela não via aquilo como uma “atitude de homem” e acabou sofrendo por isso. Baére e Zanello (2020) colocam que para homens heterossexuais o aumento ou a diminuição do seu sofrimento psíquico tem uma importante relação com a qualidade dos seus relacionamentos amorosos. O entrevistado acredita que superou o acontecido, ou que pode está vivendo preso em algo que foi influenciado no passado, mas que pode não está percebendo no momento:

(...) na época eu fiquei completamente envergonhado e meio que a masculinidade afetada por causa disso, tá ligado? Por uma mina falar pra você que você não deveria tá fazendo algo que um homem não faria. (...) a gente pode tá vivendo em algo que a gente nem tá percebendo, mas que foi influenciado lá no passado é que nem tá numa prisão e não saber que tá numa prisão, numa cela e com uma venda, sem saber que a gente tá naquela prisão, tá ligado? tá preso (Daniel, entrevistado 2, 2021).

Para Pedro em muitos lares há uma cobrança para adotar posturas que socialmente foram atribuídas aos papéis do homem, como não poder chorar em público. Ele afirma que caso não corresponda a esses padrões pode haver questionamentos sobre a sua sexualidade:

Eu e muitas pessoas que eu conheço, é cobrado. Começa em casa, né! Hoje em dia nem em todos os lares acontecem, mas na maioria dos lares você é cobrado por: é... não, você não pode chorar em público que isso é coisa de menina! Você não pode sofrer! Ou sei lá, se acontecer alguma coisa você é aquela frase que sempre dizem: você tem que ser homem pra assumir! Totalmente sem sentido porque não necessariamente você precisa ser homem, você precisa ser um ser humano com responsabilidades pra assumir seus erros e acertos, e aí a gente é muito cobrado, sabe? É tanto que quando você não, não corresponde essas cobranças você às vezes até acaba sendo taxado como homossexual (Pedro, entrevistado 3, 2021).

Percebe-se um imaginário social que representa o que significa ser homem. Os relatos de Carlos, Daniel e Pedro corroboram com o que afirmaram Cardoso e Zimmermann (2020), que foi construído um estereótipo de que para ser homem é preciso ser “macho”, forte, ágil, acrescentam que precisam gostar de futebol, e praticarem esportes radicais, aqueles que fogem desse padrão, são taxados como nerds, delicados, frágeis ou gays, pois, se atribuiu a homossexualidade um lugar que foge da normatividade imposta, encontra-se aqui um ambiente onde os próprios homens são prejudicados por esse ideal, pois, quem não se adequa ao que é exigido torna-se vítima de violência, preconceito e *bullying*.

4.2 ANSIEDADE

Henckes e Macêdo (2017) percebem o diagnóstico da ansiedade não como uma forma de patologizar o indivíduo, mas como um meio de compreender como ela pode surgir como hábitos de repressão de sentimentos e sensações que se manifestam no funcionamento da sua personalidade.

Pinto (2021) acredita que a ansiedade quando vivida de forma saudável é uma ferramenta fundamental para encarmos o mundo, que é preciso diálogo com ela, pois é um mecanismo de defesa que representa cuidado e proteção, manifestados pelo envio de sinais de alertas através da dor, que pode gerar desconforto. O autor ainda conclui que ela pode passar de saudável, quando promove criatividade e liberdade, à patológica, quando é inibida sua

mensagem, restringindo a capacidade de transformação e crescimento. Ela passa a causar sofrimento quando você impede a si mesmo de experimentar os novos sentidos que surgem em sua vida.

Santos e De Freitas Farias (2006) afirmam que quando o mundo se apresenta como agressivo, distorcido e pouco acolhedor é limitado o campo vivencial do indivíduo, encolhendo as suas fronteiras em uma pequena área de interação. Na busca por alívio a sua excitação que não encontra uma forma de manifestar-se cria uma realidade própria em seu isolamento, contendo sua respiração, que é uma forma de contato entre o mundo interno e o externo e estreitando a sua relação com o tempo. Os autores ainda afirmam que a pessoa ansiosa inibe a sua capacidade de manter-se no presente, ele não consegue eleger, dentro da hierarquia de necessidades, qual objeto é o mais importante no aqui-e-agora para que ele possa crescer.

Em uma obra anterior, Pinto (2017) discutiu a ansiedade como parte da nossa existência, sendo apresentada na nossa vida de forma saudável ou patológica, e o que vai diferenciar uma da outra é a forma como cada pessoa vai enfrentá-la. Carlos relatou em sua entrevista como a pressão social, sexual e profissional faz com que a ansiedade apareça na sua vida de forma que lhe causa sofrimento e lhe impede de vivenciar o momento presente:

(...) eu acho que... que é muito difícil você não... não desabar uma hora ou outra porque é muita coisa em sua cabeça e são coisas que não são claras. (...) isso gera muita ansiedade, muita ansiedade. Você sempre está preocupado se vai fazer ou não, por mais que você se preocupa com o próximo passo você não tem total controle e foge do princípio básico do que é ser homem hoje em dia que é ter o controle, o controle das coisas (Carlos, entrevistado 1, 2021).

O relato de Carlos concorda com o exposto por Cavaler e Castro (2018), ao trazerem que a ansiedade pode surgir em meio a eventos cotidianos que prejudicam a integridade do sujeito o colocando em risco, causando dúvidas ou medo. O seu surgimento está ligado a fatores externos e as suas emoções. Para os autores, nos casos patológicos há uma suspensão da conscientização, o indivíduo interrompe a autoconscientização por não conseguir entrar em contato com o que está em primeiro plano enquanto idealiza atividades para o futuro. Baére e Zanello (2020) afirmam que as pressões familiares e profissionais por aspectos de virilidade aparecem como uma dimensão fundamental para a identidade masculina, aos que não atingem os padrões sociais impostos podem desencadear sofrimentos mentais.

4.3 MASCULINIDADES AGRESSIVAS

De Paula e Da Rocha (2019) afirmam que a masculinidade foi construída em torno de características de competitividade e agressividade. Mesmo com as mudanças sociais, os homens da contemporaneidade ainda exercem suas identidades alicerçadas em um modelo hegemônico do que é ser homem. Essas construções de uma masculinidade que é agressiva a eles e aos que estão ao seu redor, aprisionam as suas subjetividades e traz perdas significativas em seu bem-estar, os levando a um sofrimento psíquico. As autoras encontram neles dificuldades para expressar as suas emoções.

Daniel afirma que foi influenciado na sua infância a reprovar outros meninos que adotavam características que fugiam do modelo hegemônico do que é ser homem, corroborando com a ideia das autoras, que afirmaram que a masculinidade agressiva gera sofrimento ao próprio homem e a aqueles que fazem parte do seu ciclo de relações sociais:

Quando aparecia um menino que tinha traços femininos, que tinham trejeitos lá, eu era ensinado meio a que reprovar isso e não aceitar isso. Ou seja, eu poderia tá sendo preconceituoso, claro isso não é culpa minha e sim influência dos meus pais e de quem me criava, não só meus pais que me criaram, mas outras pessoas também, adultos me influenciavam. A gente tira influência daí, nera? Então tratamento com outras pessoas é a falta, o fato deles se sentirem mal ao chegarem em casa, ao desenvolverem depressão, ao desenvolverem qualquer tipo de problema mental, assim poderia ser a educação que meus pais me ensinaram a ter e não saberem como tratar uma pessoa que era diferente a mim (...) (Daniel, entrevistado 2, 2021).

Bourdieu (2002) afirma que os homens também são vítimas das representações de dominação. Suas maneiras de pensar e agir estão aprisionadas a um sistema de regras imposto sobre o que é ser homem. É vetado a eles que se comportem de forma diferente ao que é exigido. O autor acredita que é demandado aos homens um ideal de virilidade que é impossível de ser alcançado. A todo tempo precisam reafirmar a sua virilidade, que são construídas para os outros homens e que precisam ser aprovadas dentro do grupo deles. Em um disfarce de comportamento de coragem, suas atitudes expressam na verdade o medo do feminino. A violência surge contra a feminilidade e quando eles não atingem esse padrão.

Carlos afirma que sempre que tenta expressar qualquer característica que esteja fora do modelo padrão que a sociedade impôs sobre o masculino, acaba sofrendo psicologicamente, se sentindo preso e limitado por essa masculinidade agressiva:

(...) às vezes eu tento ignorar muitas dessas pressões só que são pressões que, que como já foram estabelecidas, então elas acabam por ser quase postuladas, entendeu? Então se, se por exemplo, se eu, eu, se eu sei lá, se eu ponho uma saia, eu tô falando assim, vou falar de uma forma mais absurda. Assim aos olhos da sociedade atual, se eu ponho uma saia, se até se eu deixo o meu cabelo mais longo, se uso alguma barba, é... essas pressões acabam por lhe desmotivar a fazer diversas coisas, a... e... começam a lhe limitar de certa forma e isso acaba afetando o seu

psicológico porque você se sente mais preso e se sente mais... mais sufocado, entendeu?(Carlos, entrevistado 1, 2021).

Pedro falou sobre como essa agressividade pode afetar as mulheres, se colocou em uma posição de estar em um processo de desconstrução do machismo e que muitos homens justificam comportamentos agressivos contra mulheres baseados em uma dominação do homem sobre elas:

(...) essa questão do machismo a gente nunca pode dizer, pelo menos eu, né, falando na sinceridade, eu nunca posso dizer que eu não sou 100% que eu não sou machista, porque a gente às vezes é e nem sabe, então eu digo que eu tô em processo de construção, mas em geral eu acho uma coisa deplorável, totalmente, um pensamento totalmente ultrapassado. Você pensar que você pode ser superior ou ter mais é... mais força do que outra pessoa simplesmente pelo seu gênero. (...) eu acho que muitos homens usam isso pra se sobressair nessa situação e tem muito homem também que fala que não é machista, mas na hora de realmente provar, porque você falar é fácil, você tem que não ser machista quando realmente uma situação acontecer e tem muito homem que fala que não é, mas quando chega uma situação que, é necessário não ser, acaba sendo, mas em geral minha opinião é... totalmente deplorável. Acho que, século XXI com a tecnologia que a gente tem, hoje têm casos de machismo que, que eu acho que nem no tempo da caverna era pra acontecer (Pedro, entrevistado 2, 2021).

Sobre a masculinidade tóxica, De Moura (2019) declara que é uma forma de dominação masculina que é agressiva às mulheres, aos homens, as crianças e a sociedade em geral, são características que legitimam atitudes homofóbicas, sexistas e misóginas. Cabrera e Bezerra (2020) complementam esse conceito destacando os aspectos negativos de algumas masculinidades, que contribuem para o feminicídio, a homofobia e outras violências contra grupos minoritários.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou esse trabalho de pesquisa constatou-se que havia uma necessidade de buscar ouvir os homens e compreender como enxergam seus sofrimentos e como reagem à violência resultada da construção do padrão masculino hegemônico, que se apresentam de formas agressivas e que por isso mostrou-se importante estudar sobre o tema das masculinidades. Durante sua concretização foi-se percebendo a necessidade que os participantes tinham para falar sobre suas angústias, sofrimentos e medos relacionados às suas identidades.

Diante disso a pesquisa teve como objetivo geral compreender a vivência dos homens sobre a masculinidade. Seu objetivo foi atendido efetivamente, pois a partir da realização de entrevistas, os homens puderam expressar qual sua compreensão sobre o tema proposto de

forma livre e espontânea, sem pré-julgamentos ou concepções. Assuntos que envolviam comportamentos, sexualidade, o papel da mulher, pressões psicológicas e sociais surgiram nos discursos dos participantes.

Nas suas entrevistas os participantes puderam descrever as suas experiências vividas sobre as suas masculinidades após ser feita a pergunta: “O que é ser homem para você?” que deu abertura para novas questões que geraram reflexões sobre o tema proposto. Foi possível identificar quais formas de sofrimento aparecem na maneira de ser homem, representado nos papéis ou nas exigências impostas pela sociedade.

Foi possível responder a pergunta problema que formulou essa pesquisa em buscar qual a compreensão dos homens sobre a masculinidade, concluindo que eles acreditam que a masculinidade é um processo de construção social e cultural que influencia as suas atitudes e interferem em sua forma de se relacionar consigo mesmo e com o mundo. Acreditam que pode gerar sofrimento tanto aos próprios homens como as mulheres, seja através das relações de poder, das pressões sociais ou repressão das emoções. Trouxeram a importância do diálogo, das lutas coletivas e da liberdade sexual como formas de enfrentar a violência causada aos homens e a sociedade em geral por essa construção de masculino.

A pesquisa foi realizada pelo método fenomenológico de Amedeo Giorgi que investiga a essência das coisas em si, através de entrevistas realizadas pela plataforma online *Google Meet* foi possível entrar em contato com os três intervenientes que se mostraram receptivos e interessados na discussão. As análises dos resultados que obedeceram as quatro etapas trouxeram uma discussão sobre algumas unidades de sentidos descritas por eles.

Recomenda-se que se amplie o número de participantes com maior diversidade de idades, de orientações sexuais e de regiões para responderem a pergunta que gere discussões sobre a masculinidade, pois se possibilitará que novas visões sejam originadas e torne maior o debate.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. C.; HOLANDA, A. F.. Apontamentos sobre a pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, n. 2, p. 259-268, 2010.

BAÉRE, F. de; ZANELLO, V. Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. **Psicologia em Estudo**, v. 25, 2020.

BELMINO, M. C. de B. **Gestalt-terapia e experiência de campo: dos fundamentos à prática clínica**. Paco e Littera, 2020.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2002

CABRERA, I. N.; BEZERRA, J. S. O discurso da masculinidade tóxica na narrativa publicitária. **Iniciacom**, v. 9, n. 2, 2020.

CARDOSO, A. R.; ZIMMERMANN, T. R. Masculinidade e sexualidade hegemônica através de grafitos em uma ambiência escolar. **Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade**, v. 7, n. 14, p. 155175, 2020.

CAVALER, C. M.; CASTRO, A. Transtorno de Ansiedade Generalizada sob a perspectiva da Gestalt Terapia. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 7, n. 2, p. 313-321, 2018.

CICOGNA, J. I. R.; HILLESHEIM, D.; HALLAL, A. L. de L. C. Mortalidade por suicídio de adolescentes no Brasil: tendência temporal de crescimento entre 2000 e 2015. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 68, n. 1, p. 1-7, 2019.

CONNELL, R. W. **Políticas da masculinidade**. 1995.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

DE MOURA, R. G. A masculinidade tóxica e seus impactos na vida dos gays dentro das organizações. **Revista Ciências do Trabalho**, n. 13, 2019.

DE PAULA, R. C. M.; DA ROCHA, F. N. Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo. **Revista Mosaico**, v. 10, n. 2Sup, p. 82-88, 2019.

FAGUNDES, J. de O. **Gênero, masculinidade e saúde do homem**. 2015.

FEDRIZZI, J. C. **Gênero na escola: um estudo sobre a construção da masculinidade e feminilidade através de histórias infantis**. 2015.

GIL, A. C. O projeto na pesquisa fenomenológica. **Anais do IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**, 2010.

GIORGI, A. **Phenomenology and Psychological Research**. N. Jersey, Humanities Press Atlantic Highlands: 1985.

HENCKES, A. C. C.; MACÊDO, M. L. W. dos S. Ansiedade e gestalt-terapia. **Boletim Entre SIS**, v. 2, n. 1, p. 44-51, 2017.

JÚNIOR, E. F. da S.; SALES, W. B. da S.; LEITE, I. M. B.; Colonialidade de poder, de saber e de ser: o empreendimento colonial na demarcação das masculinidades do cone sul. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba. 2021.

MELHEM, T. X. **O processo de formação de atletas competitivos sob a perspectiva fenomenológico-existencial**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2012.

NOLASCO, S. O apagão da masculinidade. **Trabalho e Sociedade**, v. 2, p. 9-16, 2001.

O SILÊNCIO dos homens. Direção: Ian Leite e Luiza de Castro. Produção: Papo de Homem e Instituto PDH. Brasil. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/NRom49UVXCE>. Acessado em Outubro de 2020.

PEREIRA, Â. M.; SILVA, D. G. G.. A construção da masculinidade em *Of Mice and Men* de John Steinbeck/*The Construction of Masculinity in Of Mice and Men* by John Steinbeck. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 27, n. 1, p. 363-380, 2017.

PINTO, Ê. B. A ansiedade e seus transtornos na visão de um Gestalt-terapeuta. **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2017.

PINTO, Ê. B. **Dialogar com a ansiedade: Uma vereda para o cuidado**. Summus Editorial, 2021.

PRECIADO, P. B. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SALEIRO, S. P. A transexualidade e o gênero: identidades e (in) visibilidades de homens e mulheres transexuais. **A transexualidade e o gênero: identidades e (in) visibilidades de homens e mulheres transexuais**, 2012.

SANTOS, L. P.; DE FREITAS FARIA, L. A. Ansiedade e Gestalt-terapia. **Revista da abordagem gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 12, n. 1, p. 267-277, 2006.

SILVA, R. B.; GASTALDI, R. M. R.. De Adão à Eva: A construção da masculinidade a partir do discurso do Cristianismo. **Revista Mundi Sociais e Humanidades (ISSN: 2525-4774)**, v. 3, n. 2, 2018.

TELLES, C. J. F. De menino a metrossexual: A construção da masculinidade na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 29, n. 1, p. 20-29, 2018.